

QUANDO
EU ERA PEQUENINA

LUÍSA CASTEL-BRANCO

QUANDO
EU ERA PEQUENINA

*Pensamentos e Emoções
Sobre a Infância e as Memórias*

CONTRAPONTO.

EM JEITO DE INTRODUÇÃO

Se virem por aí alguém a correr com uma alma nos braços, agarrem esse ladrão! Gritem, chamem a polícia! Por favor!

Alguém me roubou a alma e eu não sei quem foi. Não dei por isso. Não senti nada, e agora aqui estou.

Com um buraco tão grande dentro de mim, como se me tivessem levado as entranhas, como se me tivessem levado toda. Já tentei gritar, mas o som não sai. Já tentei pedir ajuda, mas não consigo formar as palavras. Há outra cá em casa que é igual a mim, e que sai para ir trabalhar e volta. Mas também ela não diz nada e não me ouve quando lhe grito e pergunto: «Quem és tu se eu estou aqui presa? Quem és tu que andas a fingir que eu estou viva?» Ela não me ouve, e senta-se no sofá a olhar para a televisão desligada e ali fica como um autómato até sair no dia seguinte.

Quem me terá levado a alma? Era nela que eu guardava todos os meus tesouros! Os risos dos meus filhos, os joelhos esfoldados, os homens que não amei, aqueles que amei, as lágrimas que chorei e os risos e as gargalhadas que fingi sempre, mas sempre.

Agora sou órfã de tudo. De memórias, de saudades, de ventos que me acariciaram o rosto – estou certa que tal aconteceu –, de momentos meigos e ternos e doces, que devo ter tido. Acho eu.

Agarrem esse malandro que me roubou! Digam-lhe que eu perdoo tudo, mas que me devolva a mim mesma, a quem eu era.

Coitado dele, ou dela. Julga ter roubado algo de jeito, algo de raro e fantástico, e, afinal de contas, levou uma alma tão velha,

tão usada. Uma alma que, antes desta vida, teve outras, e nenhuma a fez feliz.



Não consigo escrever.

A vida pesa-me como um casaco molhado em cima do corpo. A folha em branco olha para mim com o dedo apontado.

Acusadora. Ameaçadora.

Vem-me à cabeça a voz dela: «Não vales nada. Nunca serás nada.»

E voltou, num golpe de magia, para a minha infância, para a que vive e para a que me foi roubada.

Talvez seja por isso que nunca cresci verdadeiramente.

Dentro de mim vive uma menina que adora bonecas, animais de peluche e caixas de música que soam como anjos. Nunca cresci, e por isso, no declínio da vida, continuo tão imatura de sentimentos que me torno ridícula.

Foi uma vida toda a dar aos outros. A dar sem parar. Sem pensar duas vezes.

E para quê?

Estou tão sozinha como quando me deitava na Pedra do Feitiço e olhava a copa das árvores, dançando e dançando como que por magia. No campo tudo é mágico.

Os milhares de tons de verde. O cheiro da terra quando acorda e quando adormece. O acordar dos pássaros e o recolher às horas do calor. E o calor que faz a tijoleira lá de fora tremer sem se saber porquê, com as ondas que sobem e transformam tudo em miragem.

Não consigo escrever. Ando à minha procura e não me encontro. Se me virem por aí, digam-me, por favor. Sou aquela que anda na rua de chapéu na cabeça e com a alma pendurada, como quem vai escorregar e deixar cair o corpo por inteiro.



«Somos da nossa infância como quem é de um país», escreveu Saint-Exupéry. O país onde cresci vivia assente em regras bem definidas. Deus, Pátria e Família, sendo que a Família era o homem da casa e tudo dependia da sua vontade.

Frequentei a primária num colégio em que se rezava à Virgem em pé, no corredor, todas as santas manhãs; em que cada aluno tinha um caderninho preto para escrever os seus pecados e depois tinha de os ler em voz alta, para os outros meninos e para a professora.

Cresci seguramente nos braços de um Deus vingativo. Implacável. Sem misericórdia.

O milagre de Fátima, tal como tudo o resto que nos ensinavam, não era assunto de conversa. Aliás, pertença a uma geração em que as crianças e as mulheres não conversavam a não ser entre si e nunca incomodando os adultos – os homens adultos.

Eu e esse Deus começámos a não nos entender desde muito cedo. Nasci com um horror ao autoritarismo, e o «porque sim» era suficiente para me afastar. Para além disso, vivia rodeada de boas almas, gente cumpridora da lei de Deus, que até praticava a caridade, mas que se considerava acima dos outros por ter a verdadeira fé.

Claro que nos entretantos conheci muita gente boa, mas a instituição Igreja afastou-me de Deus passo a passo, ao longo dos anos. E se a minha fé era fraca, a minha vontade de procurar respostas ainda o era mais. Tem isto tudo que ver com o culto Mariano, por causa de algo que me aconteceu e me marcou para sempre.

O meu tio-avô António, de quem voltarei a falar, era o homem mais velho do meu círculo familiar. Pouco dado a sorrisos, ou a conversas soltas, almoçava aos fins de semana em casa da minha mãe com a mesma solenidade de quem foi almoçar com um rei ou o Presidente da República.

Homem na casa dos setenta, talvez sessenta e muitos, parecia-me então muito, mas muito velho. Partilhávamos a paixão pelas

histórias, isto é, debruçava-me com ele sobre os álbuns de fotografias cheios de figuras misteriosas, vestidas de forma peculiar, e ele contava-me a história da nossa família. Éramos capazes de passar horas naquilo. E assim aprendi de onde vim e quem era toda aquela gente já morta há tanto tempo.

Há pessoas que têm o condão de nos prender às suas palavras. À cadência, ao som. Ele, homem tão silencioso, era uma dessas pessoas.

Um dia, a propósito de uma fotografia esbatida de uma casa com muros altos e grandes janelas, ele diz-me: «Foi daqui que o Manuel, o criado, me levou à socapa à Cova da Iria.»

«Como assim?», pergunto eu. «Fazer o quê?»

O meu tio falava num português corretíssimo e muito rico em palavras que entretanto caíram em desuso. Daí que o relato que se segue tenha sido seguramente diferente apenas nesse ponto.

«Na segunda aparição, estava lá uma multidão, de joelhos enterrados na lama, gente a perder de vista, e o Manuel queria ver a Senhora, mas, não tendo arranjado forma, levou-me. Depois, quando lá chegámos, deu-lhe o medo da multidão e só dizia: “Ó menino, vamos embora que a sua mãezinha mata-me!” Mas eu, que tinha ouvido os empregados falar, não o deixei arredar pé.»

Um longo silêncio, e ele olhava para o vazio: «Foi então que vi o milagre. E nunca, enquanto viver, me poderei esquecer.»

E a seguir benzeu-se. Tudo aquilo era tão estranho que me apanhou desprevenida. Eu teria 13 anos, se tanto, e senti-me como uma intrusa apanhada a roubar. Efetivamente, tinha-lhe roubado um momento de humanidade e vulnerabilidade que nunca mais vislumbrei.

O meu tio António contou-me o que viu. O medo que teve de que o sol caísse ou fugisse. E, depois, de como ele e a multidão tinham reagido. E a vinda para casa com o criado a correr, e os dois com medo do que a mãe lhes faria.

A descrição que ouvi há cinquenta anos é exatamente a mesma de todos os outros depoimentos da época. Mais tarde, pesquisei

– e muito – sobre o milagre que, como era óbvio, não tinha existido (mas sim um qualquer fenómeno meteorológico).

Após anos a tentar compreender por que razão não havia respostas, percebi que a hipótese de uma histeria coletiva, em que todos os presentes tinham visto o mesmo, era altamente improvável. O milagre de Fátima marcou-me como ferro em brasa e mostrou-me a diferença entre a Fé e a tentativa de raciocínio lógico.

A minha fé continua fraca. Mas está cá e agradece todos os dias ao Papa Francisco o seu trabalho. Com ele, voltei a perdoar à Igreja tantos erros. Com ele, tento encontrar o meu caminho. Mas se há algo de que não duvido, é de que o culto Mariano tem razão de ser. Apenas me falta abrir a alma e o coração para poder ver também. Enquanto isso não sucede, vou olhando para trás, perscrutando o que fui, revisitando a minha infância e as minhas memórias. Espero que gostem de me ver nas histórias que se seguem.

CERZINDO O PÔR DO SOL

Nos dias santos, toda a gente vestia a roupa de ver a Deus, ou a que vestia em enterros e casamentos, e ia à santa missa. A minha mãe, não sei por que razão, acreditava seguramente que Deus tinha ficado em Lisboa e que, assim, estávamos livres do santo sacrifício. Claro que o pessoal da terra achava tal coisa uma vergonha – taditos dos miúdos condenados ao Inferno –, mas ninguém se atrevia a dizer nada.

A igreja ficava em Loures, e a pé era longe, numa estrada estreita e serpenteada, com os carros a ir e vir com rapidez. Mas para o povo, para os que tinham as pernas treinadas do trabalho, do sobe e desce ao monte para as colheitas, do puxar o arado amarrado ao pescoço enquanto este sulcava a terra, Lousa era já ali.

Não que não fosse de facto um sacrifício o caminho até ao Senhor, mas apenas por causa dos sapatos apertados e das cintas que elas traziam por debaixo da roupa e que lhes trilhavam as carnes. E os miúdos, esses, chegavam lá muitas vezes esbaforidos de calor, descalços e sujos, o que, a juntar aos tabefes que levavam logo ali no adro enquanto as mães tentavam limpar-lhes o rosto com cuspo, lhes fazia subir um ódio ao Senhor Jesus e ao padre que os iria culpabilizar toda a vida.

Nós ficávamos por ali, a cirandar de um lado para o outro, e enquanto os rapazes se juntavam para jogar ao abafa e acabavam invariavelmente a lutar pelos berlindes, nós, as raparigas de

Lisboa, gente fina e com grandes conhecimentos da vida, deslizávamos até à taberna da Ti Clara, cuja neta tinha no andar de cima, e escondidas por debaixo da cama, uma série de novelas em papel, brasileiras, com beijos molhados e apertões e amassos, ou pelo menos era isso que podíamos imaginar.

Se fôssemos descobertas, era certo e sabido que apanharíamos uma boa sova. Quer dizer, excetuando a minha irmã, que, coitadinha, era fraquinha de saúde e estava isenta de tais castigos corporais. A vida tem muita graça, porque, com os anos a escorrerem, graças ao Senhor, ela sempre teria muita saúde, enquanto eu estaria condenada a ser um conjunto ridículo de doenças raras e múltiplas.

Depois da vinda da missa e do almoço, toda a gente ia fazer a sesta, homens e mulheres. Tal facto era para nós uma das coisas mais estranhas que podiam existir. Dormir a sesta era coisa que se era obrigado a fazer em miúdo e de que nunca mais ouvíamos falar. Mas tal só acontecia aos recém-chegados. Os amigos que convidávamos para vir passar férias connosco olhavam espantados quando falávamos em dormir a sesta. Até ao primeiro dia em que descobriam a razão de ser de tal instituição.

Ali os almoços eram momentos de convívio, mas eram, acima de tudo, o prazer de manjar o que a terra dava naquela altura. E caramba, comia-se muito e bem, e os adultos regavam com vinho das suas uvas e as mulheres coravam perante o arrotto satisfeito dos maridos, e quando vinha o doce já ninguém queria comer, mas desaparecia por milagre.

Depois, quem vivia em Lisboa não sabia o que era o calor. Ali, pelas pedras subiam ondas de calor que mais pareciam o adivinhar de uma história com um oásis escondido atrás dos muros. Mas os próprios muros fumegavam, e o alcatrão da pouca estrada que o tinha parecia manteiga.

A Maria vinha molhar as pedras do nosso pátio, descalça, e nunca percebi como não queimava os pés! Isso era necessário por causa das moscas varejeiras, que picavam que até fazia gritar.

As latadas das uvas pendiam pesadas, grávidas. Havia um cheiro a açúcar que se misturava no ar, e vinham abelhas e zangões e o calor era insuportável. A única coisa a fazer era mesmo refugiarmo-nos dentro de casa, e, num instante, caímos como bêbados em sono solto.

Passadas umas horas, quando o sol se começava a pôr lá do outro lado do monte, o pessoal acordava e saía de casa.

As mulheres, sentadas nas soleiras das portas ou em cadeiras pequenas, não se assossegavam, e como as compreendo hoje em dia! Era vê-las com um ovo de madeira metido dentro das meias que cerziam, como se nem precisassem de olhar para os dedos; era os quadrados de croché com restos de fios de lã que saíam de sacos e mais sacos, e podiam nascer dali mantas, tapetes, camisolas, enfim, pura magia!

Creio, muito sinceramente, que foi dessa orgia de cores e formatos e dedos mais velozes do que o vento, tudo isto embalado pelos cantares das mulheres, que se cravou dentro de mim esta paixão pelos trabalhos das mãos, as cores e a sua mistura e a criação de algo que nunca sei o que vai ser quando começo. Mas ali havia necessidade do aproveitamento de tudo, de transformar o que na cidade era desperdício em coisas úteis, palpáveis. Se bem que, tenho de o dizer, nem toda a gente na cidade fizesse o mesmo.

Aliás, o desperdício, as compras nas lojas e as necessidades do supérfluo chegaram muito depois: depois da revolução, depois das crises, depois...

Recordo-me, em casa da minha mãe, da Maria a tirar os botões das camisas para os aproveitar. E as camisas do meu pai eram depois feitas ao tamanho do meu irmão e mais tarde cortadas em pedaços que levavam bainhas e passavam a panos da louça, acabando por morrer em trapos de limpar cantos.

Tudo se reconvertia.

Eram ainda tempos em que a minha mãe recordava a guerra, antes de o salvador, ou seja, Salazar, chegar ao governo, em que os homens entravam a cavalo nos lugares e roubavam tudo.

Eram tempos de fome. E a recordação do que fora estava ainda tão próxima que se cuidava de tudo, como se, amanhã de manhã, homens a cavalo com espadas e pistolas pudessem entrar por ali adentro.